UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA – UEPB

CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM FUNDAMENTOS DA EDUCAÇÃO: PRÁTICAS PEDAGÓGICAS INTERDISCIPLINARES

CAMPUS SOUSA-PB

MARIA DE FÁTIMA BARBOSA LISBOA

LEITURA E ESCRITA:

caminhos para uma melhor formação dos nossos alunos

Sousa-PB

2014

MARIA DE FÁTIMA BARBOSA LISBOA

LEITURA E ESCRITA:

caminhos para uma melhor formação dos nossos alunos

Monografia apresentada ao Curso de Especialização em Fundamentos da Educação: Práticas Pedagógicas Interdisciplinares, da Universidade Estadual da Paraíba, em cumprimento às exigências para obtenção do grau de Especialista.

Orientadora: Profª Msc.Francisca Wilma Cavalcante

Sousa-PB

2014

É expressamente proibida a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano da dissertação.

L769l Lisboa, Maria de Fátima Barbosa
Leitura e escrita [manuscrito] : caminhos para uma melhor formação dos nossos alunos / Maria de Fátima Barbosa Lisboa. - 2014.
52 p. : il.

Digitado.
Monografia (Especialização em Fundamentos da Educação) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Ciências Exatas e Sociais Aplicadas, 2014.
"Orientação: Profª. Msª. Francisca Wilma Cavalcante, Departamento de pós-graduação".

1. Leitura. 2. Escrita. 3. Ensino-Aprendizagem I. Título.
21. ed. CDD 372.4

MARIA DE FÁTIMA BARBOSA LISBOA

LEITURA E ESCRITA:

caminhos para uma melhor formação dos nossos alunos

Monografia apresentada ao Curso de Especialização em Fundamentos da Educação: Práticas Pedagógicas Interdisciplinares, da Universidade Estadual da Paraíba, em cumprimento às exigências para obtenção do grau de Especialista.

Aprovada em ____/____/_____.

BANCA EXAMINADORA

Francisca Wilma Cavalcante

Profª.Msc. Francisca Wilma Cavalcante
Orientadora

Profª. Dra. Ada Kesea Guedes Bezerra

Profª. Drª. Ada Kesea Guedes Bezerra
Examinador 1

Profª Esp. Rosimar Socorro S. Kirand

Profª. Esp. Rosimar Socorro S. Kirand
Examinador 2

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho a minha família, que me deu suporte e apoio para escrever este trabalho monográfico.

AGRADECIMENTOS

A Deus, que é Pai, **Jesus Cristo** e o **Espírito Santo**. Que rege o céu, a terra e toda a sabedoria neles existente. Que abençoa e ilumina os viventes que nele creem. Que nos inspira e dá coragem para enfrentar a luta da vida diária. Que nos deu o dom da vida.

À Família, esta que é nosso ponto de chegada e de partida. Que nos foi confiada por Deus. Que ampara, anima e alegra. Que está presente em todos os momentos de nossas vidas.

Aos Mestres, que nos proporcionaram chegar até onde nos encontramos. Que nos ensinaram a viver em conjunto.

À Orientadora de forma especial,Profª.Msc. Francisca Wilma Cavalcante, pela imensa parcela de ajuda que nos deus, contribuindo assim para o nosso crescimento intelectual.

“A leitura de mundo precede a leitura da palavra”.

Paulo Freire

RESUMO

Este trabalho faz um estudo sobre leitura e escrita, concentrando-se em alunos do 6º Ano da Escola de Ensino Fundamental e Médio “Elaine Soares Brasileiro”, na cidade de Santa Helena (PB). Tem como objetivos refletir sobre a relação do leitor com as produções escritas; saber se conhecimentos adquiridos com a prática da leitura são aplicados no cotidiano pelos discentes; conhecer as suas principais dificuldades no tocante à leitura e produção de textos; saber se eles têm afinidade com os gêneros textuais trabalhados em aula. A pesquisa desenvolvida foi do tipo quantitativa e qualitativa e o instrumento utilizado para a coleta de dados foi o questionário. Além disso, temos experiência como docente na referida instituição, o que nos permitiu observar os aspectos em questão. Os autores que fundamentam o estudo são os seguintes: Cagliari (1993), Vygotsky (1999), Maturano (1998) e Fonseca (2012), entre outros, e utilizamos os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN’s). Sobre os conceitos que norteiam a pesquisa, optamos por leitura, gêneros textuais e aluno leitor. Observamos que é considerável o número de alunos que não têm uma relação de afinidade com a escrita; há dificuldades no sentido de compreender o texto lido e de produzir o próprio texto; um numero elevado de discentes entende que o conhecimento adquirido com a leitura contribui para resolver problemas do cotidiano. Frente ao exposto, ressaltamos o expressivo papel da escola na formação do aluno leitor, a necessidade de docentes comprometidos com seu papel e a importância das famílias, tendo em vista a necessária contribuição no tocante à educação escolar de seus filhos.

Palavras-Chave: Leitura. Escrita. Aprendizagem.

ABSTRACT

This work is a study of reading and writing, focusing on students of the 6th year of the School of Elementary and Secondary Education " ElaineSoares Brazilian " in the city of Helena (PB) . Aims to reflect on the relationship of the reader with the written productions; whether knowledge gained from reading practice are applied in daily by students; know their main difficulties with regard to reading and text production; whether they have an affinity with the textual genres worked in class. The survey was developed from the quantitative and qualitative type and instrument used for data collection was the questionnaire. In addition, we have experience as a teacher in that institution, which allowed us to observe the aspects in question. The authors underlying the study are: Cagliari (1993), Vygotsky (1999), Maturano (1998) and Fonseca (2012), among others, and use the National Curricular Parameters (PCN 's). On the concepts that guide research, we chose to reading text genres and student player. We note the considerable number of students who have a relationship of affinity with writing; There are difficulties in order to understand the text read and produce the text itself; a high number of students believes that the knowledge gained from reading contributes to solving everyday problems. Based on these, we emphasize the significant role of schools in shaping the student reader, the need for committed teachers with their role and the importance of families, given the necessary assistance regarding the education of their children.

Keywords: Reading. Writing.Learning.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO **11**
CAPÍTULO I – FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA **14**
1.1 Os Parâmetros Curriculares Nacionais e sua visão sobre Leitura e Escrita 14
1.2 Habilidades Comunicacionais **17**
1.3 O professor enquanto mediador do conhecimento: a organização do trabalho de leitura e escrita **19**
1.4 Dificuldades de leitura e escrita na sala de aula **21**
1.4.1 Distúrbios da comunicação 23
1.4.2 Distúrbios da fala (ou articulatórios) 23
1.4.3 Distúrbios da motricidade oral 24
1.4.4 Distúrbios de leitura e escrita 24
1.4.5 Distúrbios da voz (disfonias) 24
1.4.6 Distúrbios da fluência 24
1.4.7 Distúrbios da audição 25
1.4.8 Distúrbios do processamento auditivo central 25
1.5 Leitura e escrita: um desafio que começa desde a infância **26**
1.6 Funções histórica e socla da escola **28**
1.7 A participação da família no processo de leitura e escrita **29**
1.8 Concepções de leitura e escrita **31**
1.9 O Ato de ler **31**
1.10 Tipos de leitura **32**
1.11 Estratégias de Leitura e Escrita **33**
CAPÍTULO II – PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS DA PESQUISA **35**
2.1 Tipo de Pesquisa **35**
2.2 Local da Pesquisa e Amostra **36**
2.3 Instrumento e Coleta de Dados **37**
2.4 Tratamento dos Dados **37**
CAPÍTULO III – RESULTADOS E DISCUSSÕES **38**
3.1 A Leitura nas aulas de Língua Portuguesa **38**
3.2 A prática da leitura nas aulas de outras disciplinas **39**
3.3 Disficuldades encontradas nas práticas de leitura **40**
3.4 A preferência dos alunos pelos gêneros textuais **41**

3.5 A leitura: conhecimentos adquiridos e solução de problemas **42**
3.6 Atividades realizadas após a leitura **43**
3.7 Como os problemas do dia-a-dia são solucionados com a escrita **43**
3.8 Atividades realizadas e contribuições para o ensino-aprendizagem **44**
3.9 Dificuldade encontradas pelos alunos no ato de escrever e gêneros textuais que eles preferem produzir **44**
CONSIDERAÇÕES FINAIS **46**
REFERÊNCIAS **48**
APÊNDICES **50**

INTRODUÇÃO

A reflexão pedagógica sobre a prática cotidiana foi o impulso para construir o presente estudo sobre a temática “Leitura e Escrita”. E dentro do contexto histórico educacional, sabemos que o tema tem sido objeto de estudo e preocupação por parte de educadores, pedagogos e demais profissionais.

Sabemos que o processo de leitura e escrita não se trata simplesmente de extrair informações da escrita, decodificando letra por letra, palavra por palavra. Trata-se de uma atividade que implica necessariamente compreensão naqual os sentidos começam a ser construídos antes da leitura propriamente dita.

Este tema foi escolhido diante das dificuldades dos educandos do 6º Ano do Ensino Fundamental da Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio “Elaine Soares Brasileiro”, na cidade de Santa Helena (PB), em compreender os textos propostos para leitura e com isso poder organizar suas ideias por escrito, de forma legível e compreensiva. Sabemos que, para isso, a escola precisa ter projeto, ter dados, precisa fazer sua própria inovação, planejar-se a médio e a longos prazos, fazer sua própria reestruturação curricular.

É fundamental que a família, a escola e a comunidade se unam nesse processo de aprendizagem e desenvolvam o gosto pelos mesmos. É por isso que o presente trabalho pretende estimular não só os educadores, mas também a família a esse gosto pela descoberta dos livros e pelo prazer de escrever, além de mostrar que ambos levam a descoberta de mundos e prazeres essenciais para o desenvolvimento saudável do ser humano.

Convém lembrar que o aluno já faz uma leitura e interpretação do mundo mesmo não estando dentro da sala de aula. Daí a necessidade de observar o potencial desse aluno, para integrá-lo na leitura de material escrito, que é o objeto da aprendizagem escolar. Sendo assim o processo de leitura e escrita é dinâmico. Dessa forma, as aulas deverão constituir-se num momento de prazer e não numa tarefa obrigatória ou difícil de ser cumprida. E é nesse momento que o professor deve provocar no aluno a vontade de ler, através de diversos incentivos.

Nessa perspectiva, a escola tem a missão de compartilhar o conhecimento e estimular o alunado a desenvolver uma consciência crítica capaz de analisar a realidade em que está inserido a fim de buscar soluções. A escrita é fruto das atividades existentes entre as pessoas e do contexto social na qual se está inserido, sendo, portanto, uma atividade mental adquirida de acordo com o interesse pessoal, grupal e social.

Com essa compreensão, adotamos os seguintes conceitos: leitura, gêneros textuais e aluno leitor, tal como os compreende Cagliari (1993). Leitura, considerada como extensão da escola na vida das pessoas. A leitura envolve questões semânticas, culturais, ideológicas e fonéticas, aspectos que devem ser considerados na relação leitor-texto. Gêneros textuais são estruturas com que se compõem os textos, orais ou escritos; são socialmente reconhecidos e procuram atingir intenções comunicativas em diferentes formas de expressão textual: contos, poesias, letras de músicas, histórias infanis, entre outros. O aluno leitor aqui defendido é o sujeito que realiza um processo de descoberta; este se dá por meio de um trabalho paciente, perseverante e desafiador por parte do aluno, com a mediação do professor.

O trabalho encontra-se com a seguinte organização interna: no primeiro capítulo, são feitas algumas reflexões frente às perspectivas dos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN's), enfocando diversos suportes, principalmente no que se refere á questão das habilidades educacionais da Língua Portuguesa; considerações sobre a prática do professor como mediador no processo de ensino-aprendizagem; reflexões sobre a função histórica e social da escola e da família no processo de leitura e escrita. O segundo capítulo demonstra o procedimento metodológico, tendo em vista a realização da pesquisa. O terceiro apresenta a análise dos resultados obtidos no estudo de campo. O quarto capítulo traz as considerações finais, propondo sugestões de melhorias no tocante ao tema.

O objetivo geral deste estudo é refletir sobre a relação do leitor com as produções escritas, concentrando-nos nos alunos do 6º ano da Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio "Elaine Soares Brasileiro". Os objetivos específicos são os seguintes: saber se, na visão dos alunos, os conhecimentos adquiridos com a prática da leitura são aplicados no cotidiano

diante da necessidade de resolver problemas; conhecer as principais dificuldades deles no tocante à leitura e à produção textual, bem como a afinidade dos alunos com os gêneros textuais trabalhados em sala de aula.

CAPÍTULO I – FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

1.1 Os Parâmetros Curriculares Nacionais e sua visão sobre Leitura e Escrita

Ao longo da história, a educação tem despertado em nós, estudiosos da área de Letras, o interesse pelos problemas relacionados ao estudo de leitura e produção textual, em especial por ser a escola o espaço para o crescimento intelectual do indivíduo, entende-se que a matéria-prima deste cotidiano é a linguagem, nas suas diversas manifestações.

No entanto, o trabalho com a leitura e produção textual, tem deixado muito a desejar, por falta de conhecimento dos professores que não tem acesso aos saberes linguisticos, ainda mais, devido as inúmeras possibilidades de leitura. Os mediadores não estão preparados para atuarem com as novas exigências do sistema educacional.

Com relação à leitura, os Parâmetros Curriculares Nacionais – PCN'S (1997, p.53) informam:

> A leitura é um processo no qual o leitor realiza um trabalho ativo de construção do significado do texto, a partir dos seus objetivos, do seu conhecimento sobre o assunto, sobre o autor, de tudo o que sabe sobre a língua: características do gênero, do portador, do sistema de escrita, etc.

Não se trata simplesmente de extrair informações da escrita, decodificando-a letra por letra, palavra por palavra. Trata-se de uma atividade que implica, necessariamente, compreensão na qual os sentimentos começam a ser construídos antes da leitura propriamente dita. Entende-se que o leitor tem que realizar uma leitura ativa para que haja compreensão. Portanto, decodificar é apenas um dos procedimentos que o leitor utiliza e, sendo ele uma pessoa experiente, com certeza vai conseguir analisar sua própria leitura, fazendo co-relações entre os textos já lidos, numa análise pormenorizada dos elementos que constituem o texto.

De acordo com os Parâmetros Curriculares Nacionais (1997, p. 55),

> É preciso superar algumas concepções sobre a aprendizagem inicial da leitura. A principal delas é a de que ler é simplesmente decodificar, converter letras em sons, sendo a compreensão consequência natural dessa ação. Por conta desta grande quantidade de “leitores” capazes de decodificar qualquer leitura para compreender o que tentam ler.

Nesse sentido, é possível formar leitores a partir do momento em que adquiram o hábito de ler. Se isso não for feito, a leitura fica vinculada a práticas distorcidas, sem aprofundamento, por isso ineficaz, incapaz de criar hábitos constantes. A mesma fonte documental (1997, p. 58) ainda acrescenta: “é fundamental ver o professor envolvido com a leitura e com o que conquista por meio dela. Ver alguém seduzido pelo que faz pode despertar o desejo de fazer também”.

Os PCN’s (1998, p. 149) defendem que

> O envolvimento do aluno no processo de aprendizagem deve propiciar ao aluno encontrar sentido e funcionalidade naquilo que constitui o foco dos estudos em cada situação de sala de aula. De igual maneira, propiciar a observação e a interpretação dos aspectos da natureza, sociais e humanas, instigando a curiosidade para compreender as relações entre os fatores que podem intervir nos fenômenos e no desenvolvimento humano.

As formas de ensinar e aprender são contextualizadas e permitem ao aluno se relacionar com os aspectos presentes da vida pessoal, social e cultural, mobilizando as competências cognitivas e emocionais já adquiridas para novas possibilidades de reconstrução do conhecimento. Isso evidencia a necessidade de trabalhar com o desenvolvimento de competências e habilidades, às quais se desenvolvem por meio de ações e de vários níveis de reflexão que congregam conceitos e estratégias, incluindo dinâmicas de trabalho que privilegiam a resolução de problemas emergentes no contexto ou no desenvolvimento de projetos.

Os Parâmetros Curriculares Nacionais (1998, p. 36) registram:

> Não se formam bons leitores oferecendo materiais empobrecidos, justamente no momento em que as crianças são iniciadas no mundo da escrita. As pessoas aprendem a

> gostar de ler quando, de alguma forma a qualidade de suas vidas melhora com a leitura.

No âmbito desta abordagem, fica evidente que os recursos didáticos e procedimentos devem viabilizar e enriquecer a forma como se procede a uma atividade, seja ela individual ou coletiva, com intuito de facilitar ao aluno desenvolver seus próprios esquemas mentais na organização do processo de aprendizagem.

Os PCN'S (1998) esclarecem que a concepção do ensino e aprendizagem revela-se na prática de sala de aula e na forma como professores e alunos utilizam os recursos tecnológicos disponíveis: livro didático, giz e lousa, televisão ou computador. A presença de aparato tecnológico na sala de aula garante mudança na forma de ensinar e aprender. A tecnologia deve servir para enriquecer o ambiente educacional, propiciando a construção de conhecimentos, por meio de uma atuação ativa, crítica e criativa por parte de alunos e professores. Entende-se que os recursos tecnológicos pressupõem o desenvolvimento de aulas onde professor e aluno incorpora o desejo do saber através de meios modernos e capazes de processar novas informações e produzir conhecimentos, sendo necessário uma reflexão coerente sobre tais meios tecnológicos. Os materiais didáticos devem traduzir os objetivos da aula, conduzir os resultados esperados, em termos de conhecimentos, habilidades, hábitos e atitudes.

A relação teoria-prática deverá ser o sustentáculo dos materiais, seu uso deve ser adequado e a apresentação deve atrair e motivar o aluno para a tecnologia eletrônica.Tratando-se de tecnologia eletrônica, os PCN'S (1998, p. 141) prescrevem:

> A tecnologia eletrônica – televisão, videocassete, máquina de calcular, gravador e computador – pode ser utilizado para gerar situações de aprendizagem com maior qualidade, ou seja, para criar ambientes de aprendizagem em que a problematizarão, a atividade reflexiva, atitude crítica, capacidade decisória e a autonomia sejam privilegiadas.

Ainda em conformidade com essa fonte documental, leitura é um processo no qual o sujeito realiza um trabalho ativo de construção do

significado do texto, a partir dos seus objetivos, do seu conhecimento sobre o assunto, sobre o autor e de tudo o que sabe sobre a língua. Não se trata apenas de extrair informações da escrita, decodificando-a, letra por letra, palavra por palavra.Trata-se de uma atividade que implica, necessariamente, compreensão na qual os sentidos começam a ser constituído antes da leitura propriamente dita.

Qualquer leitor que conseguir analisar sua própria leitura constatará que a decodificação é apenas um dos procedimentos que utiliza quando lê. A língua é um sistema de signos histórico e social que possibilita ao homem dar significados ao mundo e à realidade. Não é aprender apenas as palavras, mas também os seus significados culturais para que, com eles, as pessoas do meio social entendam e interpretem a realidade. A leitura fluente envolve uma série de estratégias como seleção, inferência e verificação, sem as quais não é possível rapidez e competência.

Nos ciclos iniciais, as leituras deverão ser extraídas a partir da superfície do texto. Apesar de sua relevância para a formação integral constata que existe uma crise de leitura. Tal crise resulta na ausência de leitura na escola, principalmente de livros já que poucos têm acesso leitura mais abrangente.

Cagliari (1995) enfatiza que a escola, apesar de desconhecer as questões mais importantes e básicas relativas à escrita, faz com que tudo gire em torno desta. Assim, o aluno deve aprender o que é escrever, como funcionam os diversos sistemas de escrita que usamos ou o que é a ortografia, sem receber a devida explicação ou, às vezes, recebendo explicações completamente errôneas.

1.2 Habilidades Comunicacionais

Cagliari (1993) também comenta que a escrita seja qual for, tem como objetivo primeiro permitir a leitura. A leitura é uma interpretação da escrita, que consiste em traduzir os símbolos escritos em fala. Alguns tipos de escrita se preocupam com a expressão oral e outros apenas com a transmissão de significados específicos, que devem ser decifrados por quem é habilitado.

Observa-se na fala do autor, que a escrita é uma ferramenta provida da leitura, já que esta é um processo no qual o leitor realiza um trabalho ativo através do significado do texto. O ensino da Língua Portuguesa, tradicionalmente, tem se preocupado somente com a escrita, chegando mesmo a se preocupar mais com a aparência da escrita do que com o que ela realmente faz e representa, tornando-se, portanto, indesejada por quem não a domina.

Para ensinar a língua, tem-se por objetivo desenvolver quatro habilidades comunicacionais básicas: ouvir, falar, ler e escrever. Portanto é preciso que o professor trabalhe em sala de aula atividades que proporcionem o desenvolvimento da oralidade, leitura e produção de textos. Para promover atividades focando o domínio da linguagem-ouvir, falar, ler e escrever, o professor deverá conhecer o resultado dos trabalhos que vem sendo feitos principalmente no que se refere à questão da concepção de linguagem, da variação linguística do texto.

Existem pessoas que chegam a fase adulta com medo de falar, de verbalizar, expressar suas opiniões simplesmente por que não foram motivadas quando crianças a treinar sua expressividade oral diante de um grupo de pessoas. Esse problema com certeza influenciara na área social afetiva e principalmente profissional, pois em inúmeras situações sociais se exerce a cidadania fora dos muros da escola; sendo assim reduzir o tratamento de oralidade a uma abordagem instrumental é insuficiente para capacitar os alunos a dominara fala pública demandada por diversas situações. Por não terem o hábito de ler, um dos problemas maiores em vários níveis de aprendizagem é quando o aluno está resolvendo atividades e deixa sem responder alegando que não sabe, ou melhor,não sabe interpretar o texto lido. Nesse sentido, torna-se extremamente importante um treinamento e incentivo da realização de leituras de textos diversos pois só com a prática o aluno será capaz de ler e interpretar.

A escrita tem possibilidade de desenvolver uma habilidade importante para o homem interagir com outros e registrar a sua própria experiência. O mundo está dominado pela escrita, uma vez quando as palavras ditas podem se perder no tempo ao contrário da escrita que terá chance de permanecer em várias épocas e civilizações, desde que o material seja bem

conservado como por exemplos livros, jornais, revistas entre outros. O texto que está sendo escrito exige que o autor esteja consciente que ele será livro por uma ou mais pessoas. Dependo do tipo de texto pode ter um receptor definido ou não, e existem normas de uso que precisam ser seguidas como ortografia e pontuação, entre outras regras.

Enfim, para adquirir as habilidades comunicacionais básicas – ouvir, falar, ler e escrever –, com domínio absoluto e resultando numa verdadeira apropriação, só mediante um trabalho paciente, constante e o mais abrangente possível, e bastante atenção. O aluno deve ser levado a atuar e observar conscientemente a língua, a partir do que ele já sabe.

1.3 O professor enquanto mediador do conhecimento: a organização do trabalho de leitura e escrita

A organização do trabalho de leitura e escritaprecisa estar em sintonia com o que é próprio para cada idade, considerando a experiência de mundo da escrita em seus espaços familiares, sociais e escolares e, também, com o tempo anterior de frequência à escola.

Como educadores temos consciência de que o trabalho com várias atividades diversificadas de escritas de palavras tem o objetivo de desenvolver em cada aluno a consciência fonográfica, de descobrir e compreender gradualmente de que maneira as letras representam graficamente os sons da fala.

Ser “mediador” não pode ser entendido apenas como sendo um aplicador de pacotes educativos ou um mero constatador que o aluno faz ou deixa de fazer. Ser mediador deve significar, antes de qualquer coisa, estar entre o conhecimento e o aprendiz e estabelecer um canal de comunicação entre esses dois pontos (MASSINI e CAGLIARE, 1999). Nesse sentido, é preciso utilizar e aplicar métodos evolutivos, assim os educandos terão uma aprendizagem significativa. É preciso organizar o trabalho educativo para que os alunos experimentem, vivenciem e criem material de qualidade.

Dessa forma, é necessário criar contextos significativos, trabalhando com temas de interesse e com o amplo mundo da escrita que desafia os adolescentes a lidarem com a diversidade de textos que eles conhecem e com

outros que precisam conhecer sem perder de vista os conteúdos que se pretende atingir.

O professor deve aproveitar a experiência que os alunos já têm com a cultura escrita, a necessidade de ler e escrever de cada turma e, também, saber que é possível se organizar como professor, estabelecendo um conjunto de procedimentos que pode ser adaptado a cada contexto. Deve o professor entre outras coisas, conhecer bem os seus alunos, ser um profundo conhecedor dos conteúdos trabalhados no contexto de sala de aula, adotar estratégias e recursos que possibilitem o alcance dos objetivos traçados. Mediante o exposto, torna-se importante ressaltamos que a educação atual exige como já se frisou neste trabalho, que o educador tenha uma postura alicerçada em teorias e métodos adequados para exercer uma prática eficiente, sendo capaz de atender às inquietações dos alunos e não apenas mero depositador de ideias.

Diante dessas informações, parece apropriado afirmar que é de extrema importância realizar na escola um trabalho com diferentes gêneros textuais que, no dia-a-dia, circulam socialmente entre as pessoas. Esse trabalho possibilita ao aprendiz sua competência linguística e discursiva, desse modo o aluno passa a ter mais condições de fazer uso da linguagem e de forma cada vez mais eficaz.

É importante que o professor esteja atento para interferir sempre que necessário informando e orientando para que possam progredir no processo de aprendizagem e avançar em suas concepções acerca do funcionamento do sistema de escrita alfabética.

Segundo os PCNs (1998, p. 69),

> O papel do professor nesse processo é, portanto, crucial, pois a ele cabe apresentar os conteúdos e atividades de aprendizagem de forma que os alunos compreendam o porquê e o para que do que aprendem e, assim, desenvolvam expectativas positivas em relação à aprendizagem e sintam-se motivados para o trabalho escolar.

Conforme se observa na citação do autor, o grande questionamento que se coloca é como os professores deverão atuar para que os alunos adquiram as habilidades necessárias a sua formação cultural, tornando-se

cidadãos e profissionais competentes e responsáveis, destacando-se em suas funções, através de um conhecimento multidisciplinar. Cabe ao professor orientar os alunos na convivência com fontes variadas de informações, processando-as, para manter-se atualizado e integrá-las ao seu dia-a-dia.

Os educadores atuais devem procurar o autoconhecimento para uma evolução pessoal e, também, a comunicação em todos os níveis sociais, para desenvolverem uma visão abrangente da realidade. Assim estarão aptos a interagir em grupos, abertos às novas e mais inusitadas soluções, flexíveis e criativos para atender às necessidades da educação.

1.4 Dificuldades de leitura e escrita na sala de aula

Para que o trabalho de leitura e escrita seja realizado com qualidade, faz-se necessário para que o professor compreenda o que se passa com os adolescentes. É preciso observá-los e acompanhá-los no seu dia-a-dia, pois se faz necessário no processo de intervenção a participação de conhecimentos advindos das pessoas que estabelecem contato diário com o aluno afetado.

Em sala de aula alguns educandos têm dificuldades na leitura porque eles não conseguiram decifrar as letras, não organizam as ideias para pronunciar as palavras, pois não basta a simples articulação de sons da fala para que uma pessoa entenda o que está sendo dito. A interação não é suficiente para que o aluno compreenda o sistema da língua escrita. As dificuldades de aprendizagem não são uma exceção no sistema educacional.

Para Strick e Smith (2001), as dificuldades de aprendizagem referem-se não a um único distúrbio, mas a uma ampla gama de problemas que podem afetar qualquer área do desempenho acadêmico. As dificuldades são definidas como problemas que interferem no domínio de habilidades escolares básicas, e elas só podem ser formalmente identificadas até que um aluno comece a ter problemas na escola.

O insucesso dos adolescentes, muitas vezes rotulado desde a infância, de dislexia, é também o resultado de outros insucessos sociais, políticos, culturais, educacionais pedagógicos, dentre outros. Considerar as

dificuldades de aprendizagem um problema estritamente do aluno é ignorar os reflexos das dificuldades de ensino.

O aluno quando chega à escola, já traz consigo uma linguagem e o desempenho oral dessa linguagem se manifesta com uma preponderância maior no início de sua escolarização, pois ele está adquirindo da íngua escrita. Cabe, pois a escola ensinar a escrita, além de continuar dando subsídios para que o jovem continue a desenvolver a linguagem oral que traz consigo ao entrar na escola. Essa oralidade deve ser estimulada e melhorada, inicialmente o educando elabora o seu texto muito próximo da maneira como fala, cabe à escola instrumentá-la através da leitura dos diversos tipos de textos para que a sua expressão seja gradativamente melhorada.

A aprendizagem é um processo de mudança de comportamento obtido através da experiência construída por fatores emocionais, neurológicos, relacionais e ambientais.

Nesse processo, Paín (1985), em sua proposta para o tratamento das Dificuldades de Aprendizagem (DA), apresenta a noção de não-aprendizagem como um processo que não é apenas o posto da aprendizagem, mas que tem características próprias, as quais informam sobre como o sujeito com dificuldades é ignorado no ambiente escolar.

A autora chama a atenção para o modo como as crianças com DA são deixadas de lado, por fazerem algo diferente do usual ou da norma estabelecida pela comunidade escolar.

Paín (1985, p. 80) faz a seguinte afirmação:

> O trabalho com as DAs nas escolas tem como objetivo básico o desaparecimento dos sintomas e a possibilidade para que o sujeito aprenda normalmente ou, ao menos, no nível mais alto que suas condições orgânicas, constitucionais e pessoais permitam.

Em outras palavras, o trabalho com as dificuldades de aprendizagem nas escolas deve permitir aos alunos uma aprendizagem para sua realização pessoal, uma aprendizagem independente de tarefas, tendo como base a intervenção dos profissionais especializados na área, assim como o do professor. Os alunos com dificuldades de aprendizagem são alunos suficientemente inteligentes, mas enfrentam muitos obstáculos na escola.

Algumas dificuldades mais comuns na sala de aula:

Distúrbios da comunicação

Os distúrbios no desenvolvimento da linguagem e da fala são muito comuns, afetando 5 a 10% de todas os alunos. Estima-se que 1% das pessoas vão para a escola com deficiência de linguagem marcante. O atraso na linguagem pode ter um significante impacto na vida social e escolar, e sua identificação precoce, com intervenção apropriada, pode atenuar os déficits emocional, social e cognitivo.

Os distúrbios da comunicação correspondem a uma série de alterações que podem prejudicar, em diferentes graus, o desenvolvimento da comunicação humana. Esses distúrbios podem atingir a audição, a linguagem, a fala, a voz e a motricidade oral.

Para que se possa suspeitar da existência de distúrbios da comunicação é necessário, e fundamental, que o padrão da criança esteja defasado das demais, quando se considera a idade, o nível sociocultural e o grau de experiência e de oportunidades.

O fonoaudiólogo é responsável por habilitar dificuldades da fala, voz, audição e linguagem. A presença de problemas nessas áreas da comunicação pode constituir importante obstáculo tanto para o desenvolvimento normal como para a comunicação eficaz e a socialização.

Distúrbios da fala (ou articulatórios)

Trata-se das dificuldades relativas à aprendizagem dos sons ou fonemas da língua. Embora o educando tenha domínio da linguagem, em seus aspectos apresenta em sua fala omissões, trocas ou distorções dos sons que compõem as palavras. Toda alteração na linguagem oral, quando não corrigida, passará para a linguagem escrita mais tarde.

Temos como exemplo de distúrbio da fala a dislalia, que é a dificuldade em articular as palavras. Consiste na má pronúncia, seja omitindo ou acrescentando fonemas, distorcendo-os ou trocando um fonema por outro, por exemplo, trocar “r” pelo “l”.

Distúrbio da motricidade oral

Esses distúrbios envolvem alterações de funções como a respiração, mastigação e a deglutição, que podem estar associadas a outros problemas de comunicação, como os distúrbios da fala. Nesses casos, o fonoaudiólogo trabalha juntamente com otorrinolaringologistas, ortodontista, neurologistas e outros profissionais afins.

Distúrbios de leitura e escrita

Correspondem às dificuldades relativas à leitura e/ou à escrita. Na leitura, as dificuldades podem atingir a decodificação das palavras, o domínio da pontuação e, até mesmo, a capacidade de compreender os textos. Na escrita, podem se manifestar no domínio da ortografia, no uso da pontuação e na capacidade para elaborar textos. Os graus desses distúrbios podem variar, desde dificuldades específicas de um aspecto da leitura/escrita até fazerem parte de distúrbios mais globais (STRICK, 2001).

Distúrbios da voz (disfonias)

Distúrbios que alteram a qualidade vocal, por exemplo, a rouquidão em crianças frequentemente está relacionada à presença de nódulos vocais (calos nas cordas vocais). Os adultos também podem apresentar disfonias. Qualquer desvio na qualidade vocal, no nível de altura ou de ressonância, pode ser um sintoma de uma doença de via aérea ou laríngea, por essa razão, deve ser submetida a uma avaliação médica completa da via aérea e da laringe.

Distúrbios da fluência

É um distúrbio que altera a fluência e o padrão rítmico da fala. As principais características são bloqueios, repetições de sílabas ou sons e palavras produzidas com excesso de tensão. As habilidades comunicativas podem ser seriamente afetadas (STRICK, 2001).

Crianças pequenas podem apresentar uma disfluência ou gagueira de evolução, marcada por repetições, prolongamentos e outros tropeços, mas que são normais na experiência de uma criança aprendendo a falar, pois sua linguagem interna é maior do que a que ela consegue verbalizar.

Distúrbios da audição

Qualquer tipo de perda auditiva pode comprometer a capacidade da pessoa de utilizar a linguagem, afetando a comunicação. A ocorrência mais comum na criança é a perda auditiva periférica relacionada à infecção do ouvido médio, muitas vezes, consequência de um resfriado ou alergia.

Os efeitos das perdas auditivas dependem de sua gravidade, da idade em que se manifestam e do tratamento adotado. Nesse momento, é importante salientar que a perda auditiva no início da vida afeta o desenvolvimento da linguagem e mesmo o desenvolvimento intelectual da criança. Se o problema for descoberto e tratado nos primeiros seis meses de ida (exceto nas crianças com perda grave em ambos os ouvidos), o desenvolvimento da linguagem não será afetado (STRICK, 2001).

Distúrbios do processamento auditivo central

O processamento auditivo central é a capacidade de o indivíduo aprender a escutar com atenção e processar os estímulos sonoros, compreendendo-os em diferentes situações e ambientes. Disfunção no processamento auditivo central é uma dificuldade em lidar com as informações que chegam pela audição. Quando o bebê nasce, somente a parte periférica, ou seja, a orelha externa, a média e a interna, está pronta. Os “caminhos” que os sons percorrem até chegarem no cérebro ficarão prontos durante os dois primeiros anos de vida, de acordo com os sons da fala e do ambiente que essa criança ouve. Disfunção no processamento auditivo central é diferente de surdez. O aluno pode ter audição normal e ter dificuldade para compreender bem o que escuta.

Conclui-se que o professor deve respeitar as dificuldades apresentadas nos educando, envolvendo a não utilização de comentários

desnecessários sobre os distúrbios que os alunos apresentam respeitar o ritmo e não envolvê-los em situações de competições com os demais colegas, não colocá-lo em situações geradora de ansiedade, evitar comparações com outros colegas e conversar com o aluno sobre o que ocorrem com ele. Só nos resta dizer que: família e escola constituem os meios pelos quais a criança vai crescer socialmente, intelectualmente e culturalmente (STRICK, 2001).

1.5 Leitura e escrita: um desafio que começa desde a infância

No período escolar, as crianças e adolescentes são estimulados através de diversas práticas, a exemplo de atividades lúdicas, jogos, leituras, imagens e sons, buscando conduzir ao conhecimento do mundo pessoal, familiar e social. E como qualquer outro processo da linguagem, a leitura e a escrita também fazem parte dessas práticas e estão inseridas no dia a dia de todos. Mas, mesmo que a importância dessas já tenha sido demonstrada, ainda são atividades muito distantes da vida das crianças, e continuam sendo simples práticas desconhecidas, às vezes até a vida adulta. Por este motivo, o respectivo trabalho assume assim, relevância, à medida que se propõe a mostrar sugestões para tal problema.

Segundo Vygotsky (apud Oliveira, 1999, p. 68),

> A escrita é uma função culturalmente mediada à criança que se desenvolve numa cultura letrada e está exposta aos diferentes usos da linguagem escrita e o seu formato, tendo diferentes concepções a respeito desse objeto cultural ao longo de seu desenvolvimento.

A relação que se estabelece entre leitura e escrita, entre o papel de leitor e escritor, não é simplesmente mecânico: alguém que lê muito não é automaticamente, alguém que escreve bem. Pode-se falar que existe uma grande possibilidade de que assim seja. É nesse contexto que o ensino deve ter como meta formar leitores que sejam também capazes de criar, ou seja, produzir textos coerentes, coesos, adequados e ortograficamente escritos que a relação entre essas duas atividades deve ser compreendida.

Na concepção de Cagliari (1993, p. 96),

> A escrita é algo com o qual nós, adultos, estamos tão envolvidos que nem nos damos conta de como vive alguém que não lê e não escreve, de como aluno encara essas atividades, de como de fato funciona esse mundo caótico e complexo que nos parece tão familiar e de uso fácil.

Os educandos já têm conhecimento do mundo que o cerca. Chegando à escola, o mediador vai orientá-los a desenvolverem as capacidades a partir do momento que se inicia a vida escolar. Freire (1982) propõe uma concepção de leitura que se distancia dos tradicionais entendimentos do termo como sonorização do texto escrito, defendendo que a leitura começa na compreensão do contexto em que se vive.

Ler, assim como escrever, é exercício de coragem que exige tempo, treino e uma compreensão sensorial da linguagem, exercida e pressentida na intencionalidade dos textos. Escrever é inventar-se inventando. Ler é encontrar-se encontrando. O espaço de construção da escrita e da leitura é um processo no qual o leitor realiza um trabalho ativo, a partir dos seus conhecimentos.

Sobre esse assunto, Cagliari (1995, p. 312) ressalta:

> Quando lê, uma pessoa precisa, em primeiro lugar, arranjar as ideias na mente para montar a estrutura linguística do que vai dizer em voz alta ou simplesmente passar para sua reflexão pessoal ou pensamento. Em ambos os casos, a passagem pela estrutura linguística é essencial. Sem isso, não existe linguagem e, portanto, não pode existir fala nem leitura de nenhum tipo.

Como a leitura e a escrita se trata de uma prática social, complexa, a escola deve preservar sua natureza e complexidade, sem descaracterizá-la. Isso significa trabalhar com as diversidades que caracterizam tanto a leitura como a escrita. Nesse sentido, deve acontecer um processo continuamente com as diferentes formas e objetivos no contexto do cotidiano, é preciso interagir com uma variedade de textos escritos e participar de fato dos atos tanto dentro da escola como no meio ao seu redor. É importante que os alunos recebam incentivo e ajuda de todos para ampliar os seus objetivos e interesses.

1.6 Funções histórica e social da escola

A escola tem como função a instrumentalização do cidadão, tendo em vista a apropriação do conhecimento que desvela as relações econômicas, sociais e culturais que caracterizam o contexto em que vive. Ela deverá ter:

Caráter democratizador – A atual sociedade brasileira vem, pelo menos no discurso, resgatando a importância da escola à qual está associado seu caráter democratizador. Esse caráter imprimir-se tanto no acesso (para todos os cidadãos) quanto na competência (eficiência educacional). Impõe-se valorizar os dois critérios, pois não basta proporcionar a todos apenas o acesso, mas também a apropriação do conhecimento e da tecnologia. Escola democrática é aquela que efetivamente, democratiza o saber.

Caráter transformador – O caráter transformador da escola é determinado pelo nível de consciência e instrumentalização científica, técnica, crítica e criativa que seus alunos venham a alcançar para assumirem, de fato, seu papel ativo na história. Sem competência científica e ética não há competência educacional nem transformação social.

Caráter mediador – À escola compete, ainda, exercer um caráter mediador, ou seja, através do domínio do código cientifico e de suas diversas linguagens, o cidadão escolarizado potencializa suas relações com a natureza e com a sociedade. Pela escola, o cidadão deverá ampliar sua capacidade de interpretar a realidade, mas, sobretudo, de fazer-se a si mesmo ao interagir com essa realidade de forma crítica, consciente e produtiva.

Caráter globalizador – Uma quarta função essencial da escola atual é o seu caráter globalizador. Os avanços tecnológicos tornaram o mundo mais acessível. As novas relações sociais, em nível micro e macro, criaram novos conceitos histórico-geográficos, culturais, econômicos e comerciais. Por sua vez, impõe-se hoje uma nova concepção de história, de sociedade e, portanto, de homem, o que implica um novo conceito de escola e seu papel social. As fronteiras da ciência e da tecnologia estão dando lugar à globalização da produção e da cultura. Melhorias significativas na educação resultam e fomentam melhorias significativas na sociedade.

O adolescente, ao chegar à escola, traz um conhecimento que tem adquirido em sua convivência no meio em que está inserido. Certas questões se fazem necessárias para que a aprendizagem se torne concreta. A seguir algumas sugestões:

- O modo mais seguro de encorajar os alunos a aprender a ler e escrever é expor experiências estimulantes e significativas de pesquisa linguística, já que a curiosidade e a surpresa são grandes incentivos à aprendizagem. Aprender a ler e a escrever não deve ser um ato desprovido de emoção. Ao contrário, o entusiasmo e alegria deveriam guiar todo o processo.

- É necessário envolver as famílias nessa aprendizagem. É evidente que nem todas poderão responder da mesma maneira, mas deve-se procurar fazer com que entendam a importância de sua colaboração e obter delas alguns compromissos básicos: mostrar interesse por aquilo que seus filhos fazem na escola, ler contos para eles, conversar muito com eles, estar atento às suas perguntas, elogiar suas primeiras escritas.

- Devem-se continuar considerando as salas de aulas como espaços de equidade e promoção social. A escola deve proporcionar aos educandos as oportunidades de aprendizagem que lhes são negadas pelas circunstâncias sociais e familiares. Aprender a ler e escrever pode ser uma experiência extremamente agradável e simples, mas também penosa e frustrante. Nenhum educando deveria sentir-se incapaz de alcançar essa competência nem deveria ser privado de ocasiões para fazê-lo.

Essas são algumas das propostas que podem ser desenvolvidos entre professores, pais e os demais envolvidos nesse processo.

1.7 A participação da família no processo de leitura e escrita

A família desenvolve um papel muito importante para o desenvolvimento cognitivo do seu filho. Ele começa a ter contato visual e auditivo com a linguagem oral desde muito cedo, ainda quando criança, através dos membros da família e, consequentemente, absorve os signos linguísticos reproduzidos por eles.

A família exerce uma grande força na formação de valores culturais, éticos, morais e espirituais, que vêm sendo transmitidos de geração em

geração. Tais valores contribuem significativamente para a formação do caráter e personalidade, para a socialização e o aprendizado na instituição.

Na visão de Maturano (1998), a influência do ambiente familiar no aprendizado escolar é amplamente reconhecida. Em nosso meio, o ensino defasado e as condições sociais precárias são obstáculos do esclarecimento das influências familiares sobre o processo de escolarização do aluno.

Nesse contexto, entende-se que há algumas condições extremamente importantes no ambiente familiar para a aprendizagem escolar. Dentre elas, salienta-se que é relevante a presença de recursos materiais compatíveis com o que se ensina na escola, mas esses não são suficientes para promover o progresso escolar do aluno. Se o clima dominante no lar é de tensões e preocupações constantes, provavelmente o jovem se tornará um aluno tenso, com tendência a aumentar a proporção dos pequenos fracassos e preceitos próprios da contingência da vida humana. Se o clima é autoritário, onde os pais entendem que estão sempre certos e as crianças são vistas como estando erradas, as crianças podem se tornar submissas com professoresou podem revoltar-se contra qualquer tipo de autoridade.

Se o clima emocional do lar é acolhedor e permite a livre expressão emocional da criança, ela tenderá a reagir com seus sentimentoslivremente.Strick e Smith (2001) ressaltam que o ambiente doméstico exerce um importante papel para determinar se qualquer criança aprende bem ou mal. Se elas receberem um incentivo carinhoso durante toda a vida tendem a ter atitudes positivas, tanto sobre a aprendizagem quanto sobre si mesmas. As autoras colocam que o estresse emocional também compromete a capacidade das crianças para aprender. A nosso ver, tanto a família quanto a escola “deveriam entender mais de seres humanos e de amor do que de conteúdos e técnicas educativas”. (SALTINI,1999, p. 13).

A família deve contribuir de forma relevante e participativa para que ocorra um maior desempenho de seus filhos na vida e na escola. Além de um melhor desenvolvimento, irá superar as dificuldades e progredir; isso só vem possibilitar que a aprendizagem se desenvolva de forma saudável e construtiva na edificação do saber de cada indivíduo.

Ao ingressar na escola, a criança traz suas marcas culturais. É uma produtora de linguagem, uma criadora de sentidos, uma usuária de sua língua

que lhe permite formular e expressar suas concepções de mundo estruturadas socialmente pelo seu próprio conhecimento.

1.8 Concepções de leitura e escrita

Por meio da escrita tem-se a possibilidade de desenvolver uma habilidade importante para o ser humano interagir com os outros e registrar a sua própria experiência. Para Faraco e Tezza (2003), por causa dessa simples qualidade, a pertinência, a escrita dominou o mundo, uma vez que as palavras, quando ditas, podem se perder no tempo e, escritas, terão uma chance de permanecer em várias épocas e civilizações, desde que seu material de registro seja bem conservado, como livros, jornais, revistas, diários, entre outros. Nesse sentido, a psicolingüística analisa qualquer processo que tenha a ver com a comunicação humana, mediante o uso da linguagem seja oral, gestual ou escrita se aprofundando ao estudar as estruturas psicológicas que nos capacitam a entender expressões, palavras, orações, textos, etc.

1.9 O ato de ler

Deve-se dizer que a leitura não é a fala da escrita, mas um processo próprio que pressupõe um amadurecimento de habilidades linguísticas em partes diferentes das que ocorrem na produção da fala espontânea. Uma leitura em voz altaleva em contaque se deve fazer para dizer algo em termos de produção sonora na fala e ainda exige que o leitor acompanhe um raciocínio sobre um pensamento exterior. A complexidade desse fato é enorme, e muitas vezes a escola não se dá conta disso. No ato da leitura em voz alta, primeiro o leitor deve decifrar o que está escrito e depois reproduzir oralmente o que foi decifrado. Há bastantes dificuldades para entender a escrita na nossa cultura e muitas delas advêm da própria natureza do sistema da escrita.

O esforço do aluno que começa a ler é comparável ao esforço que um aprendiz de língua estrangeira faz para ler, é difícil conciliar os elementos fônicos aos semânticos. Uma das dificuldades que o educando encontra quando está aprendendo a ler consiste no ajustamento do processo da fala para leitura. É fato de conhecimento que as crianças têm dificuldades para

realizar uma leitura fluente, além de apresentarem dificuldades específicas com relação ao entendimento do conteúdo da leitura.

Para fazer uma boa leitura, é necessário passar etapas normais de produção de sons de falacomo, porexemplo, mudar a respiração, acertar o ritmo, a entonação através das montagens das sílabas, grupos tonais, articular órgãos do aparelho fonador a nível da laringe, controlar a configuração dos lábios e mandíbula. Quando se trata da fala espontânea, que o aluno domina bem, tudo é feito com perfeição e rigorosa cronometragem. Porém, na leitura, essas etapasque eram cumpridas inconscientemente, começam a ser, de certo modo, controladas mais conscientemente pelo aprendiz de leitor, para poder realizá-las bem. O aluno não pode ser forçado nem por si só nem pelo professor, pois ele poderá desenvolver péssimos hábitos de leitura como, por exemplo, a soletração.

Apesar de toda essa complexidade, as pessoas aprendem a ler com certa facilidade, pois aprenderam a falar de 1 a 3 anos de idade, o que na sua globalidade é bem mais complexo do que ler.

1.10 Tipos de leitura

É lendo que adquirimos novos conhecimentos, desafiamos nossa imaginação e descobrimos o prazer de pensar e sonhar. Cada vez mais nos dias de hoje, a leitura é citada como fator decisivo de interação social, pois por meio dela podemos ter acesso a novos conhecimentos.

Uma leitura pode ser ouvida, vista ou falada. Um texto escrito pode ser decifrado e decodificado por alguém que traduz o escrito numa realização de fala. Na verdade a leitura é uma decodificação e uma codificação, porque o leitor deverá em primeiro lugar decifrar a escrita, depois entender a linguagem encontrada, em seguida decodificar todas as implicações que o texto tem, e por fim deve refletir sobre o que leu formando sua própria opinião a respeito do assunto.

Sobre esse assunto, Cagliari (1995, p. 31) ressalta:

> Quando lê, uma pessoa precisa, em primeiro lugar, arranjar as idéias na mente para montar a estrutura lingüística do que vai dizer

> em voz alta ou simplesmente passar para sua reflexão pessoal ou pensamento. Em ambos os casos, a passagem pela estrutura lingüística é essencial. Sem isso, não existe linguagem e, portanto, não pode existir fala nem leitura de nenhum tipo.

A leitura oral é feita não somente por quem ler, mas pode ser dirigido a outras pessoas, que também lêem o texto ouvindo-o. Essa leitura é muito importante, pois é através da leitura auditivaque a criança tem o seu primeiro contato. Isso ocorre quando seus pais ou outras pessoas lêem para elas.

1.11 Estratégias de Leitura e Escrita

O trabalho com a leitura e a escrita nas escolas devepermitir ao aluno uma aprendizagem para sua realização pessoal, uma aprendizagem independente de tarefas, tendo como base a intervenção dos profissionais especializados na área, assim como o do professor. É muito importante que o professor saiba que tipos de atividades ou situações pedagógicas deverão ser desenvolvidos para que eles avancem nos níveis conceituais da escrita e da leitura e nos seus estágios de desenvolvimento cognitivo.

Conforme Marote e Ferro (1994), na modalidade escritao aluno não traz nenhuma ou quase nenhuma bagagem de casa. Compete à escola transmitir-lhe as convenções dessa modalidade, mas de modo prático, selecionando as normas úteis e dosando a sua apresentação. O educando precisa aos poucosaprender a captar e manejar as formas da língua escrita.

Segundo os PCN’s(1997), é preciso oferecer aos alunos inúmeras oportunidades de aprenderem a escrever em condições semelhantes às que caracterizam a escrita fora da escola. É por meio da língua que o individuo se expressa e se comunica com seus semelhantes, defende o seu ponto de vista, dá e recebe informações, ampliando o conhecimento de si próprio e do mundo a sua volta.

Diante dessas informações, é apropriado afirmar que é de extrema importância realizar na escola um trabalho com diferentes gêneros textuais que, no dia-a-dia, circulam socialmente entre as pessoas. Esse trabalho possibilita ao aprendiz sua competência lingüística e discursiva. Desse modo, o

aluno passa a ter mais condições de fazer uso da linguagem de forma cada vez mais eficaz.

O professor deve diversificar suas aulas utilizando atividades variadas como jogos de memória, leitura e interpretação oral de diferentes textos, poesias, músicas, textos do aluno e do professor, notícias, reportagens, bulas de remédio, produção de textos coletivos, montagem e escrita de pequenas estruturas linguísticas, adivinhações, quadrinhas, anedotas, jornal falado, planejamento e avaliação do dia, relatório oral e escrito de experiências vivenciadas, histórias mudas, escrita de cartas, bilhetes, listas, anúncios, propagandas, análise e síntese de palavras significativas, escritas espontâneas, leitura de livrinhos de literatura, jornais e revistas(em grupo ou individual), classificação e seriação de palavras, jogos e atividades orais que permitam ao aluno brincar e recriar com a linguagem.Trabalhos manuais (recortes, dobraduras, pinturas, encaixes) propiciam novas formas de expressão e o uso, em sua linguagem, de novas palavras. Pode-se pensar em construção de relatos e descrições, diálogos, entrevistas e reportagens surgidos nas situações cotidianas, transcrição de receitas, montagem de álbuns ou dicionários, recontar vídeos, excursões, experiências; e reestruturar frases de poesiasou músicas que os alunos já sabem de cor. Tanto a leitura como a escrita são desafios para o ensino fundamental.

A criança que desde cedo toma contato e tem a oportunidade de ler e trabalhar com uma diversidade de materiais de leitura tem mais facilidade de por em prática a escrita e a aptidão argumentativa. Assim, sua capacidade será ampla no momento de propor soluções para diversos problemas.

CAPÍTULO II – PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS DA PESQUISA

2.1 Tipo de Pesquisa

O termo pesquisa refere-se a uma forma de se aproximar e compreender melhor a realidade a ser investigada. A pesquisa científica, segundo Fonseca (2012, p. 20), “é o resultado de um inquérito ou exame minucioso, realizado com o objetivo de resolver um problema, recorrendo a procedimentos científicos”.

Partindo da necessidade de obter respostas mais precisas no desenvolvimento do estudo, fundamentou-se a escolha da pesquisa quantitativa e da pesquisa qualitativa, já que, ambas, se trabalhadas em conjunto, permitem obter informações mais significativas do que se poderia obter de forma isolada.

Podemos caracterizar a pesquisa quantitativa aquela aplicada quando se procura conhecer a extensão do objeto de estudo, considerando o público pesquisado. Dessa forma, utiliza-se de técnicas estatísticas, o que significa traduzir em números, opiniões e informações para classificá-las e analisá-las (AMORIM, 2012).

Já a pesquisa qualitativa abrange correntes de pesquisas variadas, ocupando-se com os aspectos sociais, educacionais, políticos, culturais, apresentando uma compreensão e explicação da dinâmica das relações sociais. (FONSECA, 2012).

A pesquisa, tratada dessa forma, consegue obter resultados mais fidedignos quando se admite que as propostas de uma metodologia puramente qualitativa seria justamente preencher as lacunas ignoradas pela corrente quantitativa e vice-versa, como se pode verificar nas palavras de Gomes e Araújo (2004, p. 10),

> Segundo alguns estudiosos, essas abordagens não são paradoxais. Na verdade, elas são complementares. Uma preenche as lacunas que a outra não consegue suprir. De maneira análoga se pode dizer que elas são como matéria e espírito, que embora tenham naturezas diferentes formam um só corpo.

Com essas reflexões, tenta-se responder às questões da realidade que são dadas à observação. A análise representa dimensões possíveis de um fenômeno complexo e totalizante; permite aos sujeitos participantes posicionar-se quanto aos objetos de estudo. Assim, pode-se analisar processos educativos, aspectos culturais e representações da realidade social.

A análise foi feita de forma a proporcionar a compreensão dos dados obtidos, visando, com isso, a busca da confirmação, ou não, das considerações que já existiam por parte da autora deste trabalho a partir de observações feitas no decorrer do percurso profissional.

2.2 Local da Pesquisa e Amostra

A pesquisa foi desenvolvida na E.E.E.F.M. “Elaine Soares Brasileiro”, localizada à Rua Joana Ferreira de Sousa, S/N, Centro, na cidade de Santa Helena, Estado da Paraíba. Oquestionáriofoi aplicadoaos alunos da turma do 6º Ano do Ensino Fundamental, turno matutino, na faixa etária de 12 a 16 anos, totalizando 25 colaboradores.Como atuamos nessa instituição na condição de docente, observávamos a problemática em questão mesmo em caráter não oficial, passando posteriormente a se tornar um projeto de pesquisa para este estudo.

A referida instituição possui o total de 26 professores, onde 16 são efetivos e 10 lecionam como substitutos. Existem 10 turmas: 03 pela manhã, 04 à tarde 03 à noite.

A escola dispõe de um espaço físico suficiente para práticas recreativas e lazer. Há ainda uma sala de informática onde acomoda os multimeios (computadores conectados à internet, datashow, TV, DVD). Dispõe ainda de uma secretaria, uma diretoria e uma sala de professores.

Os equipamentos eletrônicos existentes na instituição são: um micro system, um mimeógrafo, uma máquina de fazer xerox, uma impressora e uma caixa de som, todos em perfeitas condições de uso.

O quadro de funcionários é composto por quatro auxiliares de serviços gerais, duas cozinheiras, dois vigilantes, dois bibliotecários, um assistente administrativo, uma secretária, uma diretora e uma vice-diretora.

2.3 Instrumento e Coleta de Dados

De acordo com Fonseca (2012), a pesquisa de campo refere-se às indagações que vão além da pesquisa bibliográfica ou documental, pois os dados são coletados junto às pessoas, o que nos permite conhecer suas opiniões sobre o assunto em questão.

Tal pesquisa procede à observação de fatos da mesma forma como ocorrem no real, procede à coleta de dados referentes aos mesmos, bem como à análise e interpretação desses dados, com base em uma fundamentação teórica consistente, o que permite compreender e explicar o problema pesquisado.

Conforme Rodrigues (2012, p. 04), pesquisa de campo compreende "a observação dos fatos tal como ocorrem. Não permite isolar e controlar as variáveis, mas perceber e estudar as relações estabelecidas".

Neste trabalho, utilizou-se como instrumento de coleta de dados o questionário contendo perguntas abertas e fechadas, distribuídos aos alunos. Foram seis questões, sendo quatro fechadas e duas abertas. O questionário foi aplicado no dia 04 de novembro de 2013, na turma que apresenta maior dificuldade na questão da leitura e escrita nessa instituição.

2.4 Tratamento dos Dados

As reflexões sobre as informações apresentadas pelos alunos fundamentam-se nas abordagens do referencial teórico apresentado no início do trabalho.

Os dados obtidos foram observados considerando-se a análise estatística, da qual resultaram os percentuais que permitiram estabelecer as diferenças entre as respostas dos colaboradores deste estudo.

CAPÍTULO III – RESULTADOS E DISCUSSÕES

Neste parte do trabalho, faremos a análise do questionário aplicado aos alunos da turma do 6º ano da E.E.E.F.M. Elaine Soares Brasileiro. As perguntas feitas aos discentes, e as discussões por eles geradas, norteiam o estudo em questão.

O questionário refere-se aos aspectos próprios da relação ensino-aprendizagem, conceitos e a importância dos conteúdos da Língua Portuguesa no dia-a-dia.

As indagações permitem conhecer e avaliar o interesse e aprendizagem dos alunos quanto ao ensino da leitura e da escrita na sala de aula, bem como buscar estratégias de envolvimento e comprometimento na busca de uma educação de qualidade para todos.

3.1 A leitura nas aulas de Língua Portuguesa

Os alunos foram questionados quanto à realização de leitura nas aulas de Língua Portuguesa. Dos 25 colaboradores, foi constatado que 60% deles não têm o costume de ler em sala e 40 % lêem com frequência.

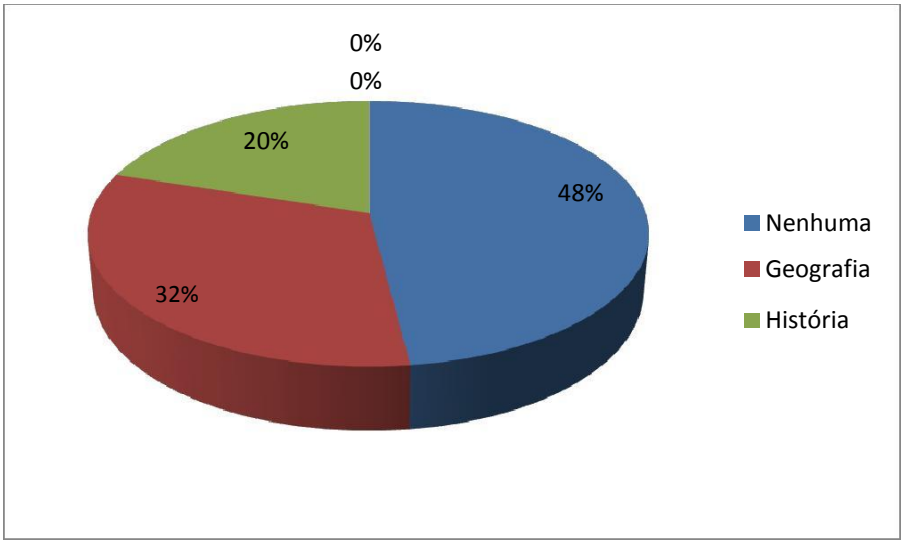
O professor deve organizar em sala de aula momentos de leitura livre em que também ele próprio leia, trocando sugestões, aprendendo com a experiência dos alunos. Se a escola quer formar bons leitores, deve oferecer um bom acervo que contemple todos os gostos de seu alunado e demais pessoas envolvidas com a instituição.

> A escola deve dispor de uma biblioteca em que sejam colocados à disposição dos alunos, inclusive para empréstimos, textos de gêneros variados, materiais de consulta nas diversas áreas do conhecimento, almanaques, revistas, entre outros. (PCN's, 2001, p. 71).

3.2 A prática da leitura nas aulas de outras disciplinas

Para conhecermos melhor a realidade em questão, procuramos saber sobre o interesse dos alunos quanto ao ato de ler não se restringindo à disciplina Língua Portuguesa.

Figura 01 – A leitura em outras áreas de conhecimento



Fonte: Dados da Pesquisa, 2014.

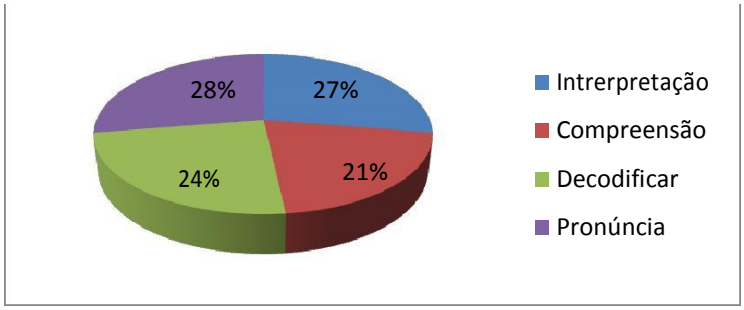
Das três alternativas citadas pelos alunos, a maior parte deles não costuma fazer leitura em aulas de outras disciplinas, informação que corresponde 48% dos colaboradores deste trabalho. Já a outra parte da turma assinalou que costuma realizar leitura nas aulas de geografia (32%) e nas aulas de história (20%).

> A leitura está presente em todas as áreas de conhecimento, portanto, à área de Língua Portuguesa não limita a leitura somente a ela, uma vez que todo professor depende da linguagem para desenvolver os aspectos conceituais de sua disciplina. (PCN's 2001, p.31).

3.3 Dificuldades encontradas nas práticas de leitura

Após a abordagem anterior, o passo seguinte foi conhecer os obstáculos com os quais os alunos se deparam no cotidiano da sala de aula, no tocante a essa temática.

Figura 02 – Dificuldades nas práticas de leitura



Fonte: Dados da Pesquisa, 2014.

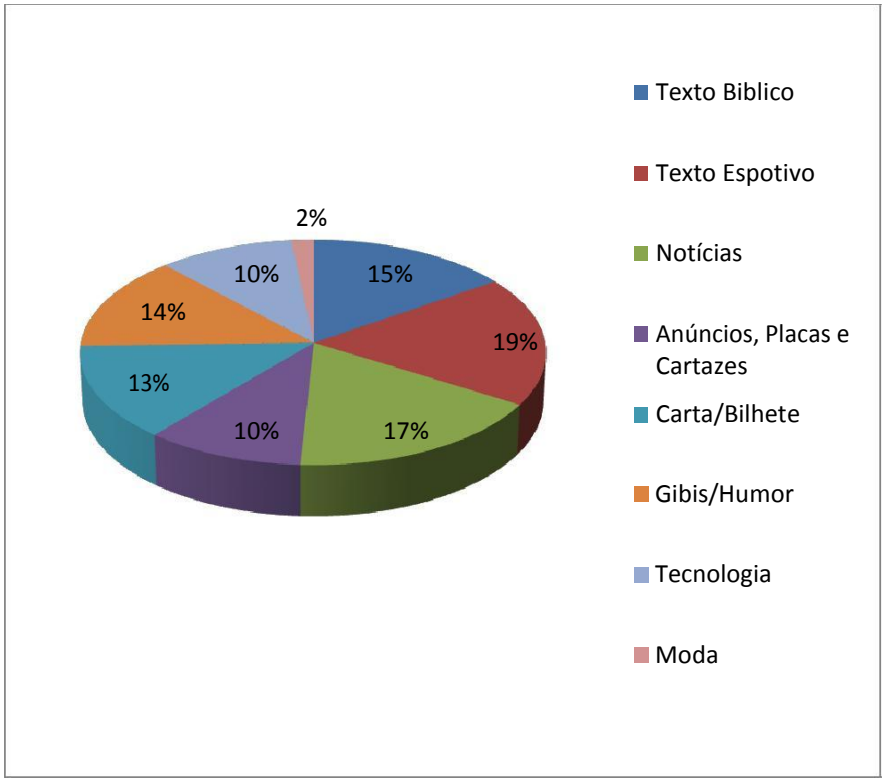
Como mostra a figura 2, os alunos apontam quatro quesitos que sinalizam a dificuldade durante a prática de leitura. Esse dado é expresso pelo valor de 28%, que corresponde aos alunos da turma que ainda têm dificuldade de pronunciar palavras; eles justificaram que essa dificuldade está relacionada à acentuação gráfica das palavras e aos termos estrangeiros. 27% dos discentes consideram que a interpretação de textos e palavras dificultaa prática de leitura; eles afirmam que existem palavras que não pertencem ao dia-a-dia deles. Já 24% da turma sinalizam que a dificuldade maior encontrada é em decodificar algumas palavras, a exemplo de palavras americanizadas. 21% dos alunos apontam que ter a devida compreensão dos textos é a dificuldade encontrada durante a realização de leituras.

Conforme reflexões presentes nos (PCN's 2001, p.48), "a mediação do professor cumpre papel fundamental de estimular e organizar ações que possibilitam aos alunos o contato crítico e reflexivo com o diferente e o desvelamento dos implícitos das práticas de linguagem".

3.4 A preferência dos alunos pelos gêneros textuais

Um dos itens de nosso interesse volta-se para a variedade de gêneros existentes nas produções escritas. Assim, procuramos identificar aqueles que mais correspondem às expectativas dos alunos.

Figura 03 – Gênero textual que os alunos mais gostam de ler



Fonte: Dados da Pesquisa, 2014.

Na pergunta sobre gênero textual, buscou-se saber quais os gêneros com os quais o aluno mais se identifica e gosta de ler. Dessa forma, os participantes, conforme visualizado na figura 03, apontaram uma lista de textos que em sua maior parte não estão dentro da sala de aula. O texto esportivo aparece em primeiro lugar como o mais citado pelos alunos (19%), seguido pelo noticiário (17%). Ainda pôde-se observar que os textos bíblicos despertam a curiosidade dos educandos (15%), gibis/humor (14%), cartas e bilhetes (13%), anúncios, placas e cartazes (10%), tecnologia (10%) e moda aparecendo em último lugar, representando 2% do total de alunos entrevistados.

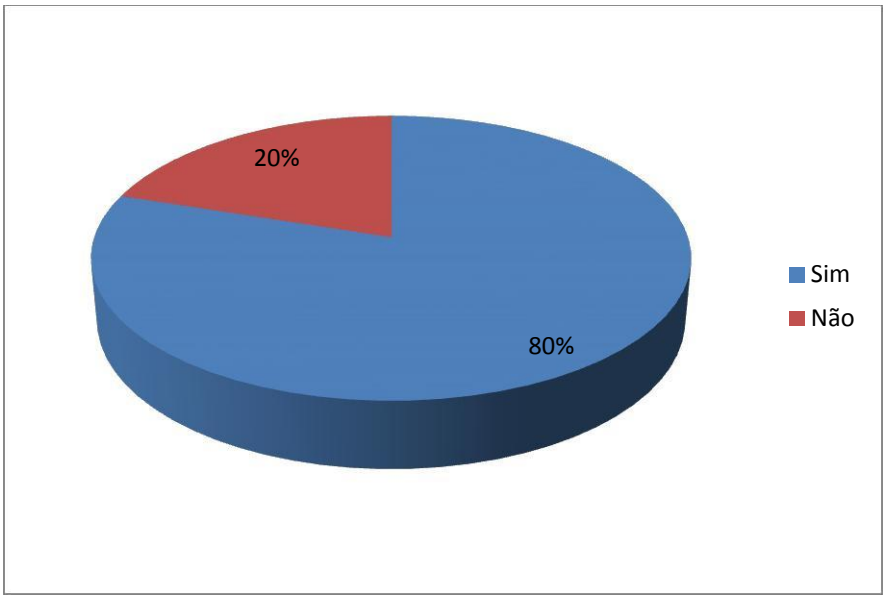
Sobre essa questão, convém destacar as seguintes palavras presentes nos PCNs.(2011, p. 73): para motivar o contato do aluno com os textos,“pode-se eleger temporariamente um gênero específico, um determinado autor ou um tema de interesse. A partir daí, os alunos escolhem o que desejam ler, tomam livros emprestados para ler em casa e compartilham suas impressões com relatos em sala.”

Na figura 04 veremos se esse tipo de leitura que eles citam aqui contribuem positivamente na solução dos problemas enfrentados no dia a dia.

3.5 A leitura: conhecimentos adquiridos e solução de problemas

Sabemos da importância dos conteúdos curriculares e sua relação com a vida dos educandos. Assim, uma das questões presentes no questionáriotinha a finalidade de observar se os alunos percebem que os conhecimentos adquiridos através da leitura de textos significativos dão suporte para o desempenho na vida prática.

Figura 04 – A leitura e solução de problemas no dia-a-dia



Fonte: Dados da Pesquisa, 2014

Podemos observar que 80% dos alunos acreditam que as leituras realizadas por eles contribuem positivamente na solução dos problemas

enfrentados no dia-a-dia. Já 20% informam que o ato de ler não apresenta relação com as questões da vida prática.

3.6 Atividades realizadas após a leitura

Na pergunta que busca saber se os alunos realizam outros tipos de atividade após a leitura, no tocante à complementação e reforço da mensagem, 80% afirmaram que sim. Exercícios de fixação, resumos e debate são as mais frequentes. Por sua vez, 20% responderam que não fazem outras atividades.

Deste ponto em diante são enfatizados pontos que buscam mostrar aspectos referentes ao uso da escrita no desenvolvimento da aprendizagem dos alunos. Ao mesmo tempo, busca-se saber o que pensa o corpo discente a respeito dos elementos ligados à escrita.

3.7 Como os problemas do dia-a-dia são solucionados com a escrita

Neste item, através de respostas abertas, os alunos poderiam expor seuspensamentos a respeito de como enfrentar os problemas encontrados no dia-a-dia a partir do conhecimento e utilização da escrita.

Constatou-se que os educandos consideram a escrita de suma importância para a resolução de problemas no dia-a-dia, principalmente na parte prática, como é possível observar nos depoimentos seguintes:

> - Os problemas do dia-a-dia são solucionados, porque através da escrita podemos exercitar a mente e gravar a grafia correta das palavras, podemos também obter informações que servirão de subsídio para resolver nossos problemas diários. (Aluno A).
> - Através da escrita nós estamos treinando nossa forma de escrever ao mesmo tempo em que aprendemos as palavras corretas. (Aluno B).
> - A escrita me proporciona o entendimento das palavras, é possível tirar dúvidas de como posso escrever corretamente. (Aluno C).
> - Eu pratico a leitura ao mesmo tempo que estou escrevendo as palavras, assim faço duas coisas ao mesmo tempo. (Aluno D).
> - Praticar a leitura em sala vai me proporcionar resolver muitos problemas, inclusive se estiver querendo saber alguma informação poderei me orientar pelos cartazes e placas. (Aluno E).

3.8 Atividades realizadas e contribuições para o ensino-aprendizagem

Aqui, através de resposta discursiva, o aluno tinha a oportunidade dedizer quais atividades de escrita ele pratica e suas contribuições para a aprendizagem, assim como aos conteúdos dos componentes que dela fazem parte. Neste quesito a resposta foi unânime; os alunos afirmaram que as atividades propostas em sala testavam e desenvolviam as habilidades dos educandos.

Nas respostas, destacam-se os exercícios de fixação e resumos. Os alunos acreditam que, por meio destes, estão desenvolvendo habilidades para a produção de textos.

Os PCN'S (2001) destacam a importância de atividades que envolvam paráfrases e resumos, pois permitem que o aluno entre em contato com conteúdos selecionados, e favorece ao docente utilizar várias modalidades de produções escritas. Esse procedimento oferece também possibilidades de tratar os aspectos coesivos da língua.

3.9 Dificuldades encontradas pelos alunos no ato de escrever e gênerostextuais que eles preferem produzir

Uma das questões de nosso interesse ao realizarmos a pesquisa foi conhecer as dificuldades encontradas pelos alunos na hora de escrever um texto, bem como procurar saber quais os gêneros textuais com os quais eles mais se identificam. A maioria (80 %) dos entrevistados afirmou possuir dificuldades na pontuação e estruturação de um texto. Vejamos os seguintes relatos:

> - A minha maior dificuldade em escrever um texto é a questão da estrutura do próprio texto, não sei como devo começar. Me identifico com os textos poéticos. (Aluno A).
> - Acho muito complicado a pontuação, principalmente o uso de pontos e vírgulas. Me identifico com os textos narrativos. (Aluno B).

> - É muito difícil escrever um texto principalmente quando é preciso organizar o texto em vários parágrafos. Me identifico com textos narrativos. (Aluno C).
> - Não sei como começar a escrever um texto e a pontuação me confunde muito. Me identifico com os textos poéticos. (Aluno D)
> - A minha maior dificuldade é dividir os parágrafos dentro do texto, não sei como fazer. Me identifico com os textos narrativos. (Aluno E).

Ao trabalhar esse ponto em sala de aula, o olhar do professor para seu aluno deve deslocar-se da correção para a interpretação; do levantamento das faltas cometidas para a apreciação dos recursos que o aluno já consegue dominar, pois dificuldades como essas citadas pelos alunos são comuns.

Um texto de autoria do aluno pode mapear o que ele sabe sobre o gênero que está sendo estudado e o que precisa aprender, projetando as ações didáticas necessárias ou para avaliar os efeitos do trabalho realizado.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente trabalho foi realizado tendo em vista conhecer as dificuldades dos alunos no que diz respeito ao processo de ensino da leitura e da escrita, buscando subsídios que solucionem ou reduzam a falta de estímulo dos educandos, mostrando meios que incentivem a família e a escola para despertar o prazer pela leitura e escrita para formar sujeitos pensantes, críticos e participativos, conscientes do seu próprio papel como cidadãos.

Um leitor competente só pode constituir-se mediante uma prática educativa eficaz, a partir de um trabalho que deve se organizar em torno da diversidade de textos que circulam socialmente.E o professor, enquanto mediador do conhecimento na escola, é o profissional responsável por desenvolver competências e superar as dificuldades utilizando meios e técnicas adequadas à formação do aluno leitor ou escritor competente.

As estratégias definidas serviram de bases concretas seguindo as necessidades da sala em estudo. Tanto os PCN's quanto os teóricos, muito têm contribuído para o trabalho escolar com os gêneros textuais no ensino da língua portuguesa, oferecendo boas reflexões sobre o tema em questão. É necessário alcançar o desenvolvimento de uma nova mentalidade com espírito crítico para a formação de uma cidadania responsável e ativa onde escola, família e sociedade trabalhem de forma democrática e participativa na construção de um mundo de leitura e escrita.

É importante que os docentes tenham compromisso, responsabilidade e um bom relacionamento com profissionais de outras disciplinas, visto que as dificuldades com leitura e escrita não se restringem à Língua Portuguesa.

Ressaltamos a importância do comprometimento profissional, da busca pela continuidade de estudos e de metodologias alternativas de trabalho para que possamos obter melhorias significativas no processo educacional. Essas melhoriasdevem considerar o trabalho em sala de aula e, em especial, as dificuldades de aprendizagem dos alunos das séries iniciais. Asestratégias definidas devem servir de baseconcretaseguindo a necessidade de cada profissional.

É importante que os pais e os professores estejam atentos quanto ao processo de ensino-aprendizagem, tentando descobrir novas estratégias, novos recursos que motivem os educandos ao aprendizado. Recursos como computador e vídeo, por exemplo, estão disponíveis na escola pesquisada.Percebe-se que se os pais souberem do poder e da força dos seus contatos com seus filhos, se forem orientados sobre a importância da estimulação precoce e das relações saudáveis em família, determinados problemas de aprendizagem poderão ser minimizados.

O objetivo da escola e dos seus profissionais é de que com a prática da leitura possa se formar escritores capacitados, competentes de produzir textos coerentes, organizados e claros, garantindo, no futuro, sujeitos pensantes, críticos e participativos, conscientes do seu próprio papel na sociedade.

O resultado da pesquisa nos permite defender que no planejamento escolar deve estar em pauta a formação de leitores, propósito que deve começar cedo e continuar por toda a vida. Além da família, a escola deveria incentivar o aluno ao “hábito de ler”, isto é, a dominar as técnicas de apreensão do conteúdo do texto, enquanto que a biblioteca estabeleceria a prática da teoria dada. Assim, a família, escola e a biblioteca devem ser responsáveis pela aquisição do hábito de ler, exercendo ações complementares na formação de leitores.

São essas as considerações que desejávamos expor ao término deste trabalho de pesquisa. Desejamos que as reflexões aqui presentes possam subsidiar outros estudos sobre essa temática, para que aprofundemos cada vez mais essas questões, a fim de que a vivência dos alunos, suas visões de mundo, seus interesses, seus saberes sejam devidamente contemplados pela escola para uma melhor aquisição do conhecimento formal.

Para isso, a leitura e a escrita destacam-se como práticas expressivas na formação dos educandos, estimulando pensamentos e criatividade, introduzindo novos saberes e permitindo um novo olhar aos conhecimentos já existentes.

REFERÊNCIAS

AMORIM, Ana Paula. **Metodologia do Trabalho Científico**.Disponível em: < http://www.4shared.com/get/Uz7dSXDv/licenciatura_em_biologia_-_met.html>. Acesso em: 10 de mar. de 2012.

BRASIL. Ministério da Educação e Cultura. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais.** Brasília/ DF: MEC, SEF, 1997.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais:** Língua Portuguesa. Brasília/ DF: MEC, SEF, 2001.

BRASIL. **Parâmetros Curriculares Nacionais:** 3º e 4º ciclos do Ensino Fundamental: Língua Portuguesa. Brasília/DF: MEC/SEF, 1998

CAGLIARI, L.C.O. Ensino e aprendizagem:os métodos. In: **Alfabetizando sem o Bá – Bé – Bi – Bó – Bú**. São Paulo: Scipione, 1995.

CAGLIARI, Luiz Carlos. **Alfabetização e Lingüística**. São Paulo: Scipione, 1993.

FARACO, C. A.; TEZZA, C. **Oficina de texto**. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 2003.

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler**. São Paulo: Cortez, 1982.

FONSECA, João J. Saraiva. **Metodologia da Pesquisa Científica.** Curso de Especialização em Comunidades Vituais. Fortaleza:UECE, 2012.

GOMES, Fabricio Ferreira; ARAUJO, Richard Medeiros de. **Pesquisa Quanti-Qualitativa em Administração:** uma visão holística do objeto em estudo. UFPB, 2012.

MARTURANO, E. M. Ambiente familiar e aprendizagem escolar. In: **Problemas de aprendizagem:** enfoque multidisciplinar. Ribeirão Preto: Legis Summa, 1998.

MAROTE, J. T. D; FERRO, G. D. M. **Didática da língua portuguesa**. São Paulo: Ática, 1994.

MASSINI, Gladis; CAGLIARI, Luiz Carlos. **Diante das letras:** a escritana alfabetização. Campinas: Mercado de Letras, 1999.

PAIN,Sara. **Diagnóstico e tratamento dos problemas de aprendizagem.** Porto Alegre: Artes Médicas, 1985.

RODRIGUES, William Costa. **Metodologia Científica**, 2012. Disponível em: <http://www.professor.ucg.br>. Acesso em: 02 de abr. de 2013.

STRICK, C.; SMITH, L. **Dificuldades de aprendizagem:** de A a Z – Um guia completo para pais e educadores.Porto Alegre: ARTMED, 2001.

SALTINI, C. J. P. **Afetividade e inteligência**. Rio de Janeiro: DP & A, 1999.

VYGOTSKY, L. **Aprendizado e Desenvolvimento**: um processo sócio-histórico. São Paulo: Scipione, 1999.

APÊNDICES

APÊNDICE A

E.E.E.F.M. ELAINE SOARES BRASILEIRO
NOME: _____ DATA ___/ ____/_____
TURMA: _____TURNO: _____

QUESTIONÁRIO

1º Você realiza leitura durante as aulas de Língua Portuguesa?
( ) Sim ( ) Não

2º Você costumar fazer leitura nas aulas de outras disciplinas? Se respondeu sim, qual?
( ) Sim ( ) Não
_____

3º Quais as dificuldades que você encontra nas práticas de leitura?
_____
_____

4º Qual tipo de texto você mais gosta de ler?

( ) Texto Bíblico	( ) Texto Esportivo	( ) Notícias
( ) Anúncios, Placas	( ) Carta, Bilhete	( ) Gibis, Humor
( ) Tecnologia	( ) Moda	

5º As Leituras que você faz ajudam a solucionar problemas do dia-a-dia? ( ) Sim ( ) Não

6º Como os problemas do dia-a-dia são solucionados?
_____

7º Realiza outras atividades após a leitura?
( ) Sim ( ) Não

8º Que tipo de atividade é aplicada? E quais as contribuições para o ensino/aprendizagem?
_____
_____

9º Qual a sua maior dificuldade em escrever um texto? E qual gênero textual você tem mais facilidade em produzir?

_____
_____
_____

APÊNDICE B

Foto 01 – Aplicação do Questionário em Sala de Aula

Foto 02 – Aplicação do Questionário em Sala de Aula

Foto 03 – Aplicação do Questionário em Sala de Aula

ESTADO DA PARAIBA
SECRETARIA DA EDUCAÇÃO E CULTURA
EEEFM ELAINE SOARES BRASILEIRO
SANTA HELENA-PB

TERMO DE ACEITAÇÃO

Aceitamos em colaborar com coletas de dados para a pesquisa da monografia de conclusão de curso da aluna Maria De Fátima Barbosa Lisbôa, do curso de Especialização em Fundamentos da Educação Práticas Pedagógicas Interdisciplinares. Oferecido pelo Governo do Estado, Secretaria do Estado de Educação da Paraíba, ministrado pela UEPB (Universidade Estadual da Paraíba) realizado na Cidade de Santa Helena - PB .

Santa Helena- PB e m 29 de Novembro de 2013

- **Alunos 6º Ano do Ensino Regular fundamental.**
- Lucas Lima Lisbôa
- [illegible] Lisboa Filho
- José Ataquis dos Santos
- [illegible] Lisboa dos Santos
- Ana Karoliny de Oliveira lisboa
- Daniela de Lima Sátis
- Francisco das chagas Lima dos Santos
- Aurinete Ana da Silva
- Ruti Alves da Selva
- [illegible] Ferreira Morais
- Francisca Leandra Ralin Costa
- Fabiano Bulin da Silva
- [illegible] Gonçalves da Silva
- Fabricio paulino Santos
- Suêne moreira noberto
- Cícero Batista Leandro
- Marcelo Quaresma Ferreira
- Romário Ferreira Martins.
- José Rinaldo Trajano.
- Kaliammy Pereira Cândido Soares.
- Sebastiana Luz e Silva
- Francinalda dos Reis Quaresma
- Cícera Gomes Alves.
- Luíma Gonçalves de Sousa
- ANTONIA DO NASCIMENTO B.

ESTADO DA PARAIBA
SECRETARIA DA EDUCAÇÃO E CULTURA
EEEFM ELAINE SOARES BRASILEIRO
SANTA HELENA-PB

TERMO DE ACEITAÇÃO

Aceitamos em colaborar com coletas de dados para a pesquisa da monografia de conclusão de curso da aluna Maria De Fátima Barbosa Lisbôa, do curso de Especialização em Fundamentos da Educação Práticas Pedagógicas Interdisciplinares. Oferecido pelo Governo do Estado, Secretaria do Estado de Educação da Paraíba, ministrado pela UEPB (Universidade Estadual da Paraíba) realizado na Cidade de Santa Helena - PB .

Santa Helena- PB e m 28 de Fevereiro de 2013

Maria de Fátima Oliveira Morais

Maria de Fátima Oliveira Morais
Gestora Escolar
MAT.134.606-7